



A presença do jornalismo humanizado nas crônicas do livro “A vida que ninguém vê”¹

Patrícia Nascimento²

Resumo

Analisar a narrativa da repórter Eliane Brum nas crônicas do livro-reportagem “A vida que ninguém vê”, enquanto exemplo de jornalismo literário e narrativa humanizada, é o principal objetivo deste artigo. Para tanto abordaremos o gênero textual crônica; a humanização no relato jornalístico; as características do livro-reportagem, como também o conceito e características do *new journalism*, na pretensão de compreender esta forma de fazer jornalismo se utilizando de elementos da literatura.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Crônica. Narrativa humanizada. Eliane Brum.

Introdução

A prática jornalística não tem uma única forma, a estrutura da notícia em lead, sublead³ e desfecho nem sempre é capaz de retratar ou contar certos fatos. Do mesmo modo, o veículo, meio ou produto para o qual se escreve também demanda diferentes abordagens da informação. Dentro das inúmeras possibilidades, há o jornalismo feito a partir do relato humanizado. Tais narrativas encontram espaço em produtos como revistas, jornais, programas de televisão, mas, sobretudo, em livros.

O livro-reportagem, por exemplo, é um produto que compreende, dentre outras especificidades, o jornalismo literário capaz de dar vazão ao relato humanizado. Para Pena (2006, p.6) fazer jornalismo literário:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer amplamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Truman Capote foi o precursor desta modalidade ao lançar “A sangue frio” em 1966, um trabalho denominado de “romance de não-ficção”. Na atualidade, essa modalidade de texto que atende a critérios de informação e entretenimento tem ganhado espaço entre os

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho 2015.

² Graduanda do 6º período do Curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: pbezerranascimento@hotmail.com

³ Criação de Pompeu de Souza, no início dos anos 50, no Jornal *Diário Carioca* (PENA, 2005, p.43).



leitores admiradores deste tipo de narrativa. De maneira que se faz pertinente perceber como é possível abordar fatos cotidianos a partir de uma narrativa humanizada, mas repleta de informação e referências a uma dada realidade. Para este artigo tomaremos como objeto de observação, recortes de duas crônicas do livro-reportagem “A vida que ninguém vê” da repórter Eliane Brum, com o objetivo de investigar como se dá essa forma de fazer jornalismo usando recursos da literatura. Como método, usaremos a análise de conteúdo de fragmentos das crônicas: “Depois da filha, Antônio sepultou a mulher” e “O encantador de cavalos”. O intento é apreender esse estilo de escrita e de prática jornalista e para tanto é importante discorrer um pouco sobre *New journalism* por ser a gênese dessa prática, bem como apreciar também características da crônica enquanto gênero textual do jornalismo, uma vez que a obra observada é de uma cronista de renome.

Da origem e conceito do *New Journalism*

Pode-se dizer que o *new journalism*⁴ permite ao repórter uma maior liberdade de criação, algo descartado no jornalismo factual diário com a implantação do modelo americano que adota a fórmula de dizer tudo que é essencial à notícia apenas em um parágrafo. O famoso *lead*.

Muitos historiadores e estudiosos da mídia defendem a ideia de que o *lead* passou a ser utilizado durante a Segunda Guerra para facilitar o trabalho dos correspondentes. Como as transmissões por telégrafo eram caras e instáveis – não havia nenhuma garantia de que o repórter conseguiria passar todo o texto antes de uma quase inevitável queda de conexão –, estabeleceu-se que o primeiro parágrafo de cada despacho tinha que conter os elementos essenciais da notícia. Uma espécie de resumo do texto que respondesse às questões quem, quando, onde, como e por quê. A partir de então, o texto começava a destrinchar os detalhes do ocorrido, em ordem decrescente de importância. A técnica ficou conhecida como pirâmide invertida. (BELO, 2006, p. 23).

A retomada do jornalismo às suas raízes literárias – considerando que o jornalismo praticamente nasceu da literatura – se deu um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial com o jornalista John Hersey e sua reportagem para a revista *The New York* em 31 de agosto de 1946, sobre os sobreviventes de Hiroshima, cidade do Japão atingida pela bomba atômica americana. A reportagem virou livro no ano seguinte. Felipe Pena (2006, p. 6) cita Balzac,

⁴ Novo Jornalismo, para alguns críticos a partir de 1966.



Victor Hugo e Stendhal entre os precursores do jornalismo literário “se classificarmos como tal um gênero que se caracteriza pela publicação de literatura nas páginas de jornais”.

Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 191) aponta que “*o new journalism* resgataria, para essa última metade do século XX, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes”. A princípio as publicações são para periódicos e depois imperam no livro-reportagem. Conforme Felipe Pena (2005, p.77) o “novo jornalismo aplica técnicas literárias na construção de situações e episódios para revelar uma práxis humana não teorizada”.

Falar deste *Novo Jornalismo* é falar de nomes como Truman Capote, Norman Mailer e Tom Wolfe, figuras de destaque para a elevação e solidificação do jornalismo literário, bem como de seus respectivos livros-reportagem “A sangue frio”, “Os exércitos da noite – Os degraus do Pentágono” e “O teste do ácido do refresco elétrico”, apenas para citar alguns dos clássicos.

Para Pereira Lima (2009, p. 191), é o *New Journalism* que torna possível a equivalência na qualidade narrativa entre jornalismo e literatura:

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem, porém jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real, de outro. Esse caminho chegaria a bom termo com o *new journalism*.

O *New Journalism* não surge e sim ressurgiu. Não é uma novidade. O nome é apenas um rótulo, pois sua fórmula e aspectos já existiam antes de se adotar a pirâmide invertida. É um jeito mais europeu de fazer jornalismo, como destaca Eduardo Belo (2006, p. 19) “na Europa sempre se praticou um modelo de jornalismo menos factual e mais autoral, interpretativo e muitas vezes opinativo”. Este jeito reinventa a narrativa e o fazer jornalístico baseado no, difundido e adotado, modelo (comercial) americano.

A narrativa humanizada

Para Eduardo Belo foi a matéria de John Hersey sobre Hiroshima que “[...] deu, pela primeira vez, a dimensão humana dos acontecimentos” (2006, p.126). A reportagem foi construída a partir dos relatos de seis sobreviventes ao bombardeio atômico no ano de 1946 na cidade japonesa. Ainda hoje essa matéria é apontada pela crítica como um exemplo de



verdadeira reportagem. É o tipo de trabalho que tem perenidade, justamente pela profundidade do relato, consistência e humanização da narrativa.

A humanização da narrativa é marca distinta do jornalismo literário: “É o fator humano que me permite, enquanto autor, abordar narrativamente qualquer tema [...] mesmo que pareça a princípio árido, de difícil tratamento literário, ou de baixo interesse jornalístico” (LIMA, 2009, p. 361).

No jornalismo factual diário as Marias são apenas “Maria, 35, casada”. Até a palavra “anos” é suprimida em prol da objetividade ao informar. No jornalismo literário é diferente, como mostra Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 359):

Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontrarmos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. Precisamos lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam celebridades ou pessoas do cotidiano.

O jornalista literário tem o compromisso de “respeitar” a condição e dignidade da pessoa humana de seus personagens, entendendo que estes não são apenas fontes. Para o jornalista Wagner Sarmiento “o jornalismo é imprescindível e não pode perder nunca a sensibilidade”.

O repórter que faz jornalismo literário não abandona tudo o que aprendeu na academia – como a fórmula de se produzir matéria – ele apenas aguça sua sensibilidade para assim poder captar informações em frases que, às vezes, nem são verbalizadas, e conseguir perceber o que um personagem diz apenas observando os gestos, o olhar e até mesmo o silêncio. Pereira Lima (2009, p. 373) acrescenta:

A humanização evita os estereótipos, tanto quanto possível, visando retratar os seres humanos na sua inteireza complexa, com virtudes e defeitos. Por isso as pessoas não são tratadas meramente como fontes de informação; são personagens e protagonistas de histórias. Humanizar, nesse sentido, inclui o próprio autor da narrativa.

O que dá o aspecto humanizado a narrativa é a forma como o repórter descreve o recorte da realidade, superando o caráter simplista do texto jornalístico tradicional feito às pressas, antes que feche a redação.



A crônica como produção jornalística e literária

Mencionar crônica implica discussão da divisão dos gêneros, “[...] foi no começo do século XX que se instalou uma verdadeira revolução no conceito de gênero, quando as questões romperam os limites do texto e passaram a se localizar na linguagem”. (PENA, 2006, p.12).

A acepção moderna de crônica, segundo Yolanda Maria Muniz Tuzino (2009, p. 3), passou a ser empregada no século XIX, quando este vocábulo revestiu-se totalmente de sentido literário. O termo está diretamente ligado ao tempo e a história,

De forma geral, foi a partir do folhetim – uma espécie de gazeta onde inicialmente se publicavam romances – que a crônica – cuja palavra originária do grego *chronikós* faz referência ao tempo *chrónos* – emerge em suas múltiplas possibilidades. De uma feição ligada especificamente ao gênero histórico – onde os cronistas, principalmente medievais, relatavam os grandes feitos dos heróis ou dos príncipes – à relação com a literatura e o jornalismo ao longo do século XIX a crônica fixa-se no Brasil e aqui assume uma conotação de gênero caracteristicamente brasileiro. (SCHNEIDER, s/d, p. 3).

A crônica é um gênero literário em prosa usado no jornalismo, seu objeto é o cotidiano e difere do gênero reportagem – muito mais ampla, com uma abordagem multiangular para a melhor compreensão da realidade, seu enfoque é alinear e não se conforma com a relação simplista de causa e efeito – é tido como um gênero híbrido; uma intersecção entre jornalismo e literatura.

Claércio Ivan Schneider esclarece: “O tom de superficialidade que o gênero exige e a variedade de assuntos sobre os quais o cronista é obrigado a escrever faz com que a crônica tenha o fato como matéria prima para captar e tematizar as entrelinhas da vida cotidiana” (SCHNEIDER, s/d, p. 4).

A crônica está presente tanto no jornal impresso quanto em outros veículos mais interativos como a televisão. Por ser um texto curto, direto e muitas vezes rítmico prende a atenção e ganha leitores e admiradores com mais facilidade que a própria notícia, dependendo clara, do contexto.

O cronista tem nas mãos a oportunidade de abordar qualquer tema de maneira a expor seu ponto de vista sem com isso escrever aquilo com que o leitor concorde. E ao mesmo tempo leva o leitor a “reagir” diante dos argumentos. O cronista é um provocador, é um contador de histórias. E, o repórter também é um contador de histórias, de histórias reais.



“A vida que ninguém vê” – A narrativa humanizada de Eliane Brum

Neste artigo contemplaremos duas crônicas que constituem capítulos do livro-reportagem “A vida que ninguém vê” de Eliane Brum, intituladas: “Depois da filha, Antônio sepultou a mulher” e “O encantador de cavalos”, observando os elementos da construção narrativa como a humanização do relato, a essência do gênero crônica, e suas particularidades enquanto livro-reportagem, sob a ótica da teoria.

“A vida que ninguém vê” é um livro-reportagem, “produto cultural de características peculiares, combinando elementos do jornalismo e da literatura.” (LIMA, 2009). Produto no qual;

O eixo condutor de tudo é o reportar, a arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar acontecimentos, interagir com pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e expressar tudo isso, num texto, com vivacidade, vigor, valor estético e validez. (LIMA, 2009, XIV).

O livro em que Eliane Brum conta, de forma impactante e emocionante 23 histórias de personagens reais é fruto de sua coluna também intitulada “A vida que ninguém vê”, do jornal Zero Hora, a qual a repórter alimentou com suas reportagens em forma de crônicas por durante 11 meses, no ano de 1999.

Dentro da classificação de Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 51) quanto ao tipo de livro-reportagem, pode-se dizer que é: livro-reportagem-perfil, pois “trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima, que por algum motivo, torna-se de interesse”; livro-reportagem-depoimento, porque “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada” (LIMA, 2009, p. 52); livro-reportagem-antologia, “cumpre a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros” (LIMA, 2009, p. 57) e livro-reportagem-ensaio, aquele que “tem como forma a postura de ensaio, o que vale dizer, a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor” (LIMA, 2009, p. 58).

No texto “Depois da filha Antônio sepultou a mulher”, predomina a abordagem extensiva dos fatos, marca registrada do livro-reportagem e conseqüentemente do jornalismo literário. Para o autor, isso acontece “[...] quando o leitor é brindado com dados, números,



informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema” (LIMA, 2009, p. 40). Para exemplificar observemos o seguinte trecho:

Lizete foi enterrada em Butiá na manhã de segunda-feira. Na terça, Antônio preparava um arroz com linguiça para os dois filhos saudáveis no casebre alugado e agora vazio. No armário meio capenga, duas contas de luz atrasadas e um aviso de corte. Puxando um carrinho de plástico, Bruno, de três anos, pedia pela mãe. Fernando, de oito, ajudava o pai em silêncio. No Hospital de Butiá, Fernanda tinha alta, mas não se sabia para onde levá-la. A conselheira tutelar tentava evitar que fosse enviada para a unidade especial da Febem. Em Porto Alegre, no Hospital Santo Antônio, Luiz Oscar respirava com a ajuda de um tubo de oxigênio. Na próxima segunda-feira, Antônio voltará a descascar eucalipto para viver. Antes de perder a consciência, Lizete agarrou a sua mão e fez que promettesse que manteria os filhos unidos. (BRUM, 2006, p. 168-169).

Porém podem-se encontrar pequenos fragmentos em que a autora faz uso da abordagem intensiva dos fatos, que para Edvaldo Pereira, ocorre “[...] quando o leitor é alimentado de informações que lhe possibilitam aumentar qualitativamente sua taxa de conhecimento. Isto é, há uma análise multiangular de causas e consequências, de efeitos e desdobramentos, de repercussões e implicações” (LIMA, 2009, p. 40).

O estado de Lizete era gravíssimo. Devido à demora no atendimento, ela estava como o que se chama de coagulopatia de consumo – todos os elementos que atuam na coagulação migraram para o local da hemorragia, deixando a descoberto os outros órgãos do corpo, inclusive o cérebro. No dia seguinte, domingo, 20, ela foi transferida ao Hospital Conceição porque precisava de uma UTI. No dia 23, foi levada ao Cristo Redentor, especializado em neurocirurgia. Uma tomografia revelou edema cerebral intenso e hipertensão endocraniana. No dia 25, entrou em coma. Morreu às 9h20min do último domingo, na UTI do Cristo Redentor. O deslocamento prematuro de placenta é um problema grave na gestação, mas faz parte da rotina das maternidades (BRUM, 2006, p. 167).

Nestes trechos é fácil perceber aquilo que foi dito a respeito da humanização do relato. Não existe a presença de uma fonte de informação, mas de personagens, imersas no infortúnio. Está nitidamente presente o espaço para o diálogo. O leitor ao ler dialoga com o autor, se envolve na trama e se comove com o drama e desventura dos personagens, protagonistas. É importante destacar que a humanização da narrativa não é sensacionalismo, mas a forma como a repórter enxerga o outro e sua condição. Por isso que Edvaldo Pereira Lima afirma que humanizar inclui o próprio autor da narrativa.



Importante também observar na narrativa de Brum a riqueza de detalhes mediante a descrição do cenário e da cena, que leva o leitor a participar, a se familiarizar com os personagens. Este detalhe da descrição só é possível mediante a observação e sensibilidade do jornalista. Portanto, para se fazer jornalismo literário, faz-se necessário, treinar a capacidade de enxergar sensivelmente. Outro aspecto é a presença do tema cotidiano, bem como frases curtas e diretas que dão ritmo ao texto, elementos característicos da crônica. Confirmamos o próximo trecho:

Em busca de seu cavalo, ele submergiu nos campos de concreto da cidade. Dormindo pelos viadutos, pelas cocheiras. Encilhado em sua utopia. Embriagado de fantasias, não de loló. Na quarta-feira, implorando que o deixassem montar, o pequeno centauro explicou o sopro que anima seu corpo de menino: - Eu vejo um cavalo, e o meu coração começa a bater desesperado. Não gosto de bola nem de bicicleta. Só de cavalos. Quando eu durmo, continuo sonhando com cavalos. Sinto isso. E se foi. Um cavaleiro solitário aos dez anos de idade, jurado de morte, agarrado às crinas da única fantasia capaz de salvá-lo da loucura de uma infância em cinzas (BRUM, 2006, p. 86).

No fragmento a cima, da crônica “O encantador de cavalos”, é nítido o espaço dado ao personagem, este ganha voz de forma concreta dentro da narrativa. A voz do personagem é literalmente transcrita e o texto finalizado de forma poética. A autora deixa vir à tona sua forma de enxergar uma dada realidade. Como diz Edvaldo Pereira “o mundo não é apenas concreto e factual. É também simbólico” (2009, p. 378). A narrativa de Eliane Brum causa impacto, pois não é apenas uma descrição simplista do fato. Existe perspicácia e argúcia narrativa, existe a presença do simbólico, da subjetividade, das impressões da jornalista. Isso é jornalismo literário.

Considerações Finais

O *new journalism* no Brasil ainda é carente e tem poucos expoentes, no entanto, o quadro parece mudar pouco a pouco com os novos jornalistas escritores que têm se rendido ao livro-reportagem, seja livro-reportagem-perfil, depoimento, história, denúncia, antologia, entre outros. Como é o caso da jornalista Eliane Brum, que é uma referência nesta modalidade de casar jornalismo e literatura nos seus textos.

O *new journalism* ao “ressurgir” – fazendo a analogia de que antes de se adotar a pirâmide invertida, o jornalismo era literário – reinventa o jornalismo. A “novidade” trazida



pelo *new journalism* não abole nada da fórmula de se fazer jornalismo aprendido na academia, nos moldes “tradicionais”.

Mediante a análise feita à luz da teoria podemos constatar que esse tipo de texto que é literário, é jornalístico também no momento em que apresenta um recorte da realidade, das tramas do real apreendido como em qualquer outro trabalho jornalístico, envolve apuração, reflexão, exatidão, precisão, convivência em campo junto a suas fontes, etc. O que muda é o traço, a escrita que se faz para além das estruturas fixas da notícia, tão comum no jornalismo factual.

Justamente por conta dessas particularidades, o novo jornalismo tem espaço garantido mesmo em revistas e principalmente em livros-reportagem, pois demanda uma maior liberdade do exercício da subjetividade, da sensibilidade, da emoção do profissional que apresenta o perfil de uma escrita mais humanizada, mais literária.

Referências

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: “O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”. Barueri: Ed. Manole Ltda., 2009.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica**: uma Intersecção entre Jornalismo e Literatura. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. 2006. Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>

SCHNEIDER, Claércio Ivan. **Crônica jornalística**: um espelho para a história do cotidiano? S/D